

## A PÁ E A ROCHA

1. Maria João Avillez reuniu em volume as entrevistas que havia publicado nas páginas dominicais do PÚBLICO com personagens significativas da história do 25 de Abril português. O resultado é surpreendente. Não apenas porque algumas destas entrevistas, cortadas por razões de espaço editorial, aparecem na sua integralidade. Mas sobretudo porque a sequência de leitura introduz aqui efeitos inesperados de dramaturgia.

Por exemplo, nas páginas iniciais, Melo Antunes procura explicar como, na sua qualidade de Ministro sem pasta, assumiu a incumbência da descolonização (que "transcendia as tarefas habituais de um ministro dos Negócios Estrangeiros"), e sobretudo estabeleceu, sem sentimento de concorrência, uma "divisão de trabalho" em que Mário Soares se foi ocupando dos acontecimentos na Guiné, São Tomé e Cabo Verde, e ele próprio se ocupou de Angola e Moçambique. "Não houve choque de opiniões de fundo e houve colaboração nas conversações". Um pouco mais adiante, Vítor Cunha Rego, na altura Chefe de Gabinete de Mário Soares, considera que Mario Soares foi deliberadamente marginalizado: "foi evidente desde o princípio que o dr. Mário Soares foi empurrado para tratar de assuntos ligados à descolonização com uma expressão relativamente menos importante do que outras..." Mas, com aquela curiosa tendência perversa que leva a que um político tenda a considerar que premeditou e organizou tudo aquilo que lhe veio a acontecer, acrescenta: "é minha convicção que o dr. Soares não se queria comprometer com o processo de descolonização de Angola e e Moçambique".

Nas páginas da longa e apaixonante entrevista com Mário Soares (que manifestamente vive muito daquele reflexo saudável de esquecer rapidamente tudo o que lhe desagradou), este diz: "Não sabia sequer que Melo Antunes estava a trabalhar nessa matéria... Como ignorava que Spínola também tinha contactos pelo seu lado". E comenta à maneira de justificação: "Lembre-se da situação que então se vivia. Tínhamos um Estado 'sui generis'". Tinha ocorrido uma revolução que estava em pleno curso de desenvolvimento. O Estado não estava organizado com as estruturas que tem hoje".

Este é apenas um exemplo do modo como pode ser lido o livro "Do Fundo da Revolução": como um texto de grande teatralidade, em que as falas se cruzam, encontram e desencontram, e tudo surge, no balanço das coisas, como uma imensa tragi-comédia feita de heroísmos e fraquezas, enganos e quimeras. O leitor sente ao longo destas páginas uma espécie de vertigem pirandelliana que ilustra o princípio inamovível de "para cada um sua verdade".

2. Segundo aspecto significativo: a atitude de Maria João Avillez como entrevistadora. Nesse aspecto, vale a pena um pouco de reflexão sobre o que se passa entre nós nestas matérias. Na maior parte dos casos o entrevistador sabe bastante pouco dos temas da entrevista e limita-se a fazer levianamente uma apanhado do que anda no ar. São, como é óbvio, as entrevistas menos interessantes. Noutros casos, quase sempre melhores, os entrevistadores conhecem bem as questões em debate. Mas por vezes conhecem tão bem que estabelecem uma espécie de simetria entre entrevistador e entrevistado, e confrontam as opiniões uma a uma, deixando no leitor ou espectador a convicção de que as opiniões do jornalista estão ali abusivamente. É o que podemos chamar o modelo da entrevista como combate de boxe.

Maria João Avillez conhece muito bem aquilo de que fala - embora tenha o cuidado de deixar subentendidas as manifestas contradições recíprocas das declarações dos seus entrevistados. Existe aqui um saber que se acumula, mas cada entrevista é cuidadosamente feita como se fosse a primeira. Em segundo lugar, Maria João Avillez concebe o seu papel em termos de pontuação. Isto é, sempre que intervém, não é para pôr em causa o que o entrevistado está a dizer, mas para o fazer reflectir e dizer um pouco melhor, por vezes a partir da auto-consciência das suas contradições, aquilo que verdadeiramente pensa. Se Manuel de Lucena fala das inúmeras culpas contemporâneas da descolonização precipitada, e Maria João lhe pergunta: "Então como reparte essas culpas?", ouvimos Lucena dizer num fórmula curiosa: "Sabe, eu acho que o Salazar teve muitas...", e Maria João interrompe-o com um simples mas extremamente eficaz: "Ah, bom...". Ou, com um Alpoim Calvão indignado com a célebre intervenção de Melo Antunes no 25 de Novembro, afirmando a importância da existência do Partido Comunista num regime democrático. Neste caso, Maria João pergunta simplesmente: "Mas o que é essa maioria

de gente que estava consigo queria fazer ao PC?", e isto obriga Calvão a fazer um recuo e a autoprotger-se nas consequências de uma resposta que não chega a dar: "Eu nunca fui sequer dos mais radicais, mas penso que poderia ter havido mais equilíbrio". É nestes "enormes pormenores" que podemos avaliar a atenção e a subtilidade de um entrevistador.

3. A leitura extremamente interessante e instrutiva deste livro deixa-nos uma curiosa sensação. Por um lado, as opiniões recolhidas de pessoas tão diferentes como Melo Antunes e Maria de Lurdes Pintasilgo, Alpoim Calvão e Adriano Moreira (sempre num impressionante clima de empatia entre entrevistador e entrevistado), atravessam quase todas um tópico recorrente, que podemos definir como o tema de "se eu soubesse o que sei hoje...". Vinte anos depois, cada um sabe o que então não sabia. Contudo, e este é um dos aspectos mais curiosos, podemos perguntar: até que ponto cada um de nós "age" a partir daquilo que "sabe". O que é o "saber" que precede a "acção"? Age-se com o que se "sabe", ou a partir precisamente do que se "não sabe" e de um obscuro "desejo de saber"? Pagava para ver - e é sempre o sujeito que paga com o dom de si mesmo.

Numa conhecida peça de Max Frisch, Deus permite a um protagonista convicto de que muito errou que ele volte à terra e recomece a sua vida "a partir do que ficou a saber com ela". E ele faz apenas isto; acaba por ter uma segunda vida igualzinha à primeira. E é isto que a gente pensa com o livro de Maria João Avillez: Carlos Fabião ou Isabel do Carmo, Pacheco Pereira ou José Miguel Júdice teriam sempre feito o que fizeram soubessem eles ontem o que vinte anos depois aprenderam a saber. No parágrafo 217 das "Investigações Filosóficas", Wittgenstein escreve: "Se esgotei as justificações, então é porque já estou a escavar na rocha, e a minha pá entorta-se. Estou então inclinado a dizer: 'É assim que eu procedo'". E que mais há a dizer?

O mérito de Maria João Avillez neste livro está no facto de conduzir os seus entrevistados até ao ponto em que eles se enfastiam das justificações acumuladas e começam a escavar (in)utilmente na sua própria rocha, isto é, no "fantasma fundamental" de cada um (que pode ser "a paixão democrática" de Mário Soares, "o Portugal-país africano" de Lucena ou Júdice, "o prazer da efervescência das ideias" de Pintasilgo, a esquerdista ou ultra-liberal "autonomia da sociedade civil" de Vítor Cunha Rego ou "a oscilação vertiginosa entre a radicalidade estética e a ataraxia ética" de um Pacheco Pereira).

EDUARDO PRADO COELHO